



Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia

ISSN: 1415-0549

revistadafamecos@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Brasil

Soares, Isabel

Do Amazonas ao Nordeste: o Brasil sob o olhar de um jornalista literário português

Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, vol. 23, outubro, 2016

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495553929004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Do Amazonas ao Nordeste: o Brasil sob o olhar de um jornalista literário português

From Amazonas to the Northeast: Brazil under the gaze of a Portuguese literary journalist

Isabel Soares

Doutorada em Estudos Anglo-Portugueses, Presidente da International Association for Literary Journalism Studies, Professora Auxiliar no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa, investigadora integrada do Centro de Administração e Políticas Públicas (CAPP).

[<isoares@iscsp.ulisboa.pt>](mailto:isoares@iscsp.ulisboa.pt)

RESUMO

Miguel Sousa Tavares é um renomado jornalista e escritor português também conhecido pelas suas crônicas de viagem. Ao analisarmos os seus relatos de viagens realizadas ao Brasil, publicados no seu livro *Sul* (2007), pretendemos inscrever Sousa Tavares numa linhagem de jornalistas literários que fizeram da viagem o seu tópico jornalístico. Este estudo foca a confluência entre jornalismo literário e literatura de viagem e explora o papel do jornalista literário como revelador de alteridade. Importante é também a análise da apreensão que Sousa Tavares faz do Brasil e como expõe a realidade por si percebida a um público além-Atlântico em Portugal. Através do jornalismo literário, Sousa Tavares traça um retrato dúplice do Brasil que busca a fuga a estereótipos mas onde está presente um lado solar e um lunar. No final, mais do que as paisagens exuberantes, o Outro brasileiro que seduz Sousa Tavares é o povo simples e hospitaleiro que encontra entre tribos da Amazônia e nos areais do Nordeste.

Palavras-chave: Jornalismo literário. Brasil. Miguel Sousa Tavares.

ABSTRACT

Miguel Sousa Tavares is a renowned Portuguese journalist and writer also known for his travel chronicles. On analysing his accounts on travels made to Brazil, published in his book *Sul* (2007), we intend to locate Sousa Tavares within a lineage of literary journalists which have traveling as their journalistic interest. This study focuses on the confluence between literary journalism and travel writing and explores the role of the literary journalist as a revealer of alterity. It is also important to the analysis of how Sousa Tavares apprehends and exposes the Brazilian realities he encounters to a Portuguese audience. Through literary journalism, Sousa Tavares draws a portrait of Brazil characterised by duplicity and the avoidance of stereotypes. In the end, more than the exuberant landscapes, the Brazilian Other that seduces Sousa Tavares is the simple, welcoming people he meets in Amazonian tribes or in the vast beaches of the Northeast.

Keywords: Literary Journalism. Brazil. Miguel Sousa Tavares.

Para os Portugueses, o Brasil é, como lhes chamam, o “país irmão”. Cinco séculos de História ligam ambos os países e, mais do que um passado partilhado, ligam-nos a língua, essa ponte paradoxalmente etérea e forte que os aproxima na contemporaneidade e que ignora diferenças de sotaque e léxico pouco se importando se no Brasil o suco é bebido por canudinho ou que, em

Portugal, o sumo seja bebido por palhinha. Diria Fernando Pessoa que a língua portuguesa é uma pátria,¹ e a pátria lusófona com os seus cerca de 260 milhões de falantes² é um enorme continente por si próprio. Similarmente, o jornalismo literário desenvolvido em português é outro elo que, a par da língua e por ela permitido, aproxima a comunidade luso-falante. Ora, numa comunidade tão vasta e heterogénea, a junção do binómio língua comum e jornalismo literário é um excelente veículo para a representação da alteridade, do Outro, ou dos Outros, que habita/m na lusofonia. A observação das gentes e dos espaços Outros reflecte o fascínio que causa a alteridade na sua diferença e paradoxal familiaridade e o jornalismo literário é uma plataforma de excepção para a divulgação desse fascínio.

Na verdade, logo na primeira geração de jornalistas literários portugueses, o Brasil constituía-se como um fulcro para a escrita. Nos finais do século XIX já Eça de Queirós, o jornalista literário, mais até do que o romancista autor de *Os Maias* (1888), se interessava pelo Brasil de Machado de Assis. Residindo em Inglaterra em 1880, dada a sua ocupação como cônsul português em Bristol, Eça de Queirós, então também correspondente do periódico brasileiro *A Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, publicaria um artigo sobre o Brasil na sequência de um outro que o periódico *The Times* dera a lume sobre esse país. Redigida a 22 de setembro e publicada a 31 de outubro em *A Gazeta de Notícias* sob o título “Um artigo do *Times* sobre o Brasil”, a crónica queirosiana aponta, com a habitual ironia do autor, os enganos em que o articulista do jornal britânico incorre a respeito do Brasil sem deixar de realçar, ademais, os aspectos sobre os quais o artigo pode ser interpretado fidedignamente. No cômputo geral, Eça refere que o artigo do *The Times* tece um “juízo simpático” a respeito da nação brasileira (Queirós, 2002, p. 96) ao contrapor as “qualidades excelentes” (Queirós, 2002, p. 96) do seu povo face aos povos limítrofes ou ao enunciar a riqueza e beleza dos seus solos e paisagens. Contudo, e por ser um jornalista literário não circunscrito aos espartilhos da neutralidade imposta pelo denominado jornalismo convencional, Eça dissecou o artigo do jornal britânico para chegar a conclusões mais profundas que pretende dar a público: a rapacidade do império britânico que olha com cobiça para o imenso Brasil. Como elucida:

1 É através do seu semi-heterónimo Bernardo Soares que Pessoa expressa o sentimento patriótico pela língua portuguesa. Como veicula o autor, “Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa” (Soares, 1982, p. 16-17).

2 Actualmente, o Português é a quarta língua mais falada no planeta, com um total de 261 milhões de falantes de acordo com dados do Observatório da Língua Portuguesa publicados a 15 de Fevereiro de 2016 sobre “As vinte línguas mais faladas no mundo.”

O *Times* [...] embrulha-se. Prefiro explicar a sua ideia, a traduzir-lhe a complicada prosa; quer ele dizer que o dia se aproxima em que a civilização não poderá consentir que tão ricos solos [...] permaneçam estéreis e inúteis: e que se se provar que os possuidores actuais são incapazes de os fazer valer e produzir, para maior felicidade do homem, deverão então entregá-los a mãos mais fortes e mais hábeis. É o sistema de expropriação por utilidade de civilização. Teoria favorita da Inglaterra e de todas as nações de rapina. (Queirós, 2002, p. 95).

Crítico do imperialismo britânico, desenfreado e desmedido (Soares, 2016), Eça socorre-se do artigo do *The Times* para, por um lado, expressar a sua visão sobre o Brasil, corrigindo o vetusto periódico, e, por outro, veicular as suas opiniões anti-imperialistas usando o caso brasileiro como exemplo.

Nessa primeira geração de jornalistas literários portugueses, alavancada no último quartel do século XIX por uma elite intelectual a que se chamou Geração de 70 e que contou com nomes como Ramalho Ortigão ou Oliveira Martins, não foi, porém, somente Eça de Queirós a usar-se do Novo Jornalismo³ da altura para escrever sobre o Brasil, ainda que nunca o tenha visitado. Menos estudado, mas igualmente um profícuo jornalista literário, Jaime Batalha Reis, amigo pessoal de Eça e outro dos rostos da Geração de 70, também daria a conhecer o Brasil aos portugueses seus contemporâneos através do jornalismo literário. Em *O descobrimento do Brasil intelectual pelos portugueses do século XX*, a colectânea de apontamentos e cartas batalheanas sobre o Brasil publicada postumamente apenas em 1988, mas redigida e partilhada por Batalha ainda em vida, o autor contrasta o “*Optimismo dos Brasileiros*” com o “*Pessimismo dos Portugueses*” (Reis, 1988, p. 64)⁴ e acrescenta que “os Portugueses passam a vida a recordar saudosamente o passado; os Brasileiros a afirmar seguramente o futuro” (Reis, 1988, p. 64). Para Batalha Reis muito havia, portanto, a comparar entre o Brasil e Portugal, tecendo daquele um retrato bastante positivo tal como Eça de Queirós o fizera anteriormente.

Contudo, não é só na aurora do jornalismo literário português que o Brasil foi tópico. No dealbar do novo milénio, mais de uma centúria volvida sobre a Geração de 70, encontramos o Brasil como motivo de duas crónicas de um dos

3 O Novo Jornalismo dos derradeiros decénios de 1800 toma o seu nome da expressão *New Journalism*, cunhada pelo crítico Matthew Arnold a propósito de um “novo” jornalismo que emergia nas páginas do vespertino *Pall Mall Gazette* e que se assume como alvor do jornalismo literário.

4 Sublinhados no original.

jornalistas literários mais influentes do panorama português da viragem do século XX para o XXI, Miguel Sousa Tavares.

Cronista, jornalista, escritor, viajante, polemista, comentador televisivo, Miguel Sousa Tavares (Porto, 1950), filho da celebrada poetisa Sophia de Mello Breyner e do jornalista Francisco Sousa Tavares, é um nome bem conhecido dos portugueses seja pelo seu aclamado romance *Equador* (2003), seja pelos seus artigos de opinião no semanário *Expresso*, talvez o mais importante semanário português, seja pela sua presença como comentador residente do canal televisivo SIC, ou seja, pelas suas crónicas e reportagens publicadas desde a década de 1980, altura em que deixou definitivamente a sua carreira na advocacia para se dedicar integralmente ao jornalismo. E é nas suas crónicas de viagens, compiladas pela primeira vez em livro em 1998 e republicadas em 2004 para inserir novas crónicas face à edição anterior, que encontramos exemplos de jornalismo literário português sobre o Brasil dos finais do século XX e inícios do novo milénio. A obra conheceu tal sucesso que atingiria a sua décima tiragem em 2007. *Sul: viagens* é o título que Sousa Tavares deu à sua colectânea de crónicas e reportagens sobre as viagens que fez como jornalista para diversos meios de comunicação social portugueses e que ora nos ocuparão por, em particular, nos oferecerem um retrato sobre o Brasil da viragem do século.

Vem sendo comum afirmar-se que o relato de viagens e o jornalismo literário se interseccionam (Hartsock, 2000; Soares, 2009) porque, por um lado, o relato de viagens não deixa de ser jornalismo sob o prisma pessoal do viajante, vulgo jornalista itinerante, e porque, por outro, o jornalismo literário se presta aos mais diversos tópicos e conteúdos, um deles o da viagem. Aliás, esta intersecção é notada nos escritos de jornalistas viajantes como Ernest Hemingway ou John dos Passos que, na relativa paz do período de entre guerras mundiais viajaram pela Europa e sobre ela escreveram cruzando, como refere Sims (2007), a viagem e a reportagem em um novo género. Ademais, os estudos de Tom Wolfe, importante teórico e executante do jornalismo literário dos anos de 1960, apontam no sentido de que é possível encontrar as raízes deste género jornalístico na literatura de viagens dos séculos XVIII e XIX, nomeadamente nos relatos de viagem de James Boswell⁵ (Wolfe e Johnson, 1973). Ora, Miguel Sousa

5 James Boswell (1740-1797), intelectual escocês renomado por ter redigido a biografia de Samuel Johnson (1709-1784, escritor inglês e autor do primeiro dicionário da língua inglesa). Grande viajante, Boswell também ficou conhecido pelo seu relato de viagens *The journal of a tour to the Hebrides with Samuel Johnson* (1785), obra fulcral na génese da moderna literatura de viagens.

Tavares, jornalista de profissão e viajante inveterado é, dizemos, um jornalista literário que faz da viagem o seu tema ou, como ele próprio se assume: “Eu sou um contador de histórias. Pagam-me para isso, pagam-me para percorrer o mundo e contar o que vi” (2007, p. 9). E é o Sul o destino de eleição deste jornalista-viajante-contador de histórias. Como também afirma sobre esta sua preferência:

Nem sempre viajei para sul, mas nada vi de tão extraordinário como o sul. O Sul é uma porta de avião que se abre e um cheiro inebriante a verde que nos suga, o calor, a humidade colada à pele, os risos das pessoas, o ruído, a confusão de um terminal de bagagens, um excesso de tudo que nos engole e arrasta como uma vaga gigantesca (Tavares, 2007, p. 9).

Numa espécie de prefácio à obra, Sousa Tavares explica assim o seu fascínio pelo imenso Sul e o Brasil, claro, é um colossal locus ao sul ou não fosse o maior país de um continente que também conta com sul na sua designação, a América do Sul.

São duas as crónicas que Sousa Tavares publicou sobre o Brasil em *Sul: viagens*, duas as faces distintas de um Brasil multifacetado que nos apresenta: a Amazónia da selva tropical cerrada e o Nordeste costeiro das praias desertas. Assim, “Amazónia: a última fronteira” é o produto da sua estância pela floresta amazónica em 1986 a fim de desenvolver um projecto para a Radiotelevisão Portuguesa (RTP) uma reportagem de 52 minutos “sobre a história da colonização portuguesa na Amazónia, desde o marquês de Pombal até ao esplendor da época da borracha” (Tavares, 2007, p. 19) no dealbar do século XX. E a segunda crónica, escrita em Janeiro de 1998, intitulada “Nordeste: essa praia não tem fim?”, relata uma viagem de mil quilómetros de *buggy* pelos areais ainda não invadidos pelos turistas das praias nordestinas. É a visão sobre o Brasil projectada por este jornalista literário oriundo do outro lado do Atlântico que nos interessa analisar pelo que tem de revelador de um Outro simultaneamente próximo e distante, paradoxalmente conhecido e desconhecido do público português, um Brasil não levado até Portugal pelas telenovelas que estrearam no país em 1977 com a transmissão de *Gabriela*. Na verdade, desde esse momento que, em Portugal, as telenovelas brasileiras muito têm contribuído para a criação de um imaginário português sobre o Brasil (Lisboa, 2011). Paralelamente, ao elaborar o relato da viagem, o que Sousa Tavares faz também é traçar um perfil do Brasil através do jornalismo literário. Aliás, o perfil, é um dos interesses mor dos media

contemporâneos que tanto perfilam pessoas, como corporações ou países (Joseph e Keeble, 2016). Dessa feita, *"the drawing of a portrait in words, is the archetypal manifestation of this 'people/human interest bias' in the media"* (Joseph e Keeble, 2016, p. 1). Ou seja, as crônicas brasileiras de Sousa Tavares inserem-se num nicho particular do jornalismo literário ao confluírem com a literatura de viagens e o esboço do perfil de um país, revelando, assim, a polivalência deste jornalismo.

O Brasil sob o olhar do jornalismo literário de Sousa Tavares

Como refere Hartsock (2000), o jornalismo literário pode, pela sua plasticidade e proximidade com a literatura, resultar em textos lidos como alegoria cultural ou social, cujos significados se expandem além do literal. E, como acrescenta, *"that allegory is about embracing an understanding of the social or cultural Other"* (Hartsock, 2000, p. 22). Por outras palavras, o jornalista literário procura a experiência outra através do encontro com a alteridade; a sua, a dos outros. Fiel a este princípio, Sousa Tavares pretendeu nas suas viagens ao Brasil e, posteriormente, nos seus relatos jornalísticos-literários dessas experiências, revelar um Brasil desconhecido, um Brasil por si individualmente apreendido, em suma, um Brasil outro, mas um Brasil real e genuíno, pois o compromisso maior do jornalista literário é para com a verdade, não a Verdade com maiúscula, pretensamente única, unívoca e universal, mas a verdade. Como explica Yagoda a propósito deste desiderato, o jornalista literário estabelece um pacto em que a credibilidade e a veracidade são *"informed and animated by the central journalistic commitment to the truth (not just The Truth)"* (Kerrane e Yagoda, 1997, p. 13). Ora, Sousa Tavares intende, nos seus périplos brasileiros, informar-se sobre e buscar o verdadeiro Brasil, comprometendo-se, ademais, com a veracidade do seu relato, o qual, traça o perfil do país visitado.

Chegado à Amazónia pretendeu, desde logo, o autor de que nos ocupamos ir além da floresta turística e encenada do

Hotel Tropical em Manaus, com manhãs passadas na piscina do hotel e umas excursões à 'selva', da parte da tarde [...] onde uns 'índios' contratados pelo hotel esperavam para se fazerem fotografar com turistas, em três modalidades e com três preços diferentes: com cobra, com crocodilo ou só com índio (Tavares, 2007, p. 19).

Note-se aqui a artificialidade da Amazónia turística e, por isso, não genuína, não verdadeira, destacada pela ênfase colocada pelo jornalista ao escrever selva

e índios entre aspas para melhor realçar esse artificialismo. Ademais, Sousa Tavares também nutria o propósito de ir ao encontro dos índios sem aspas, os “verdadeiros, genuínos índios pré-Sting,⁶ sem antenas parabólicas para verem a telenovela da Globo ao redor da fogueira” (2007, p. 19). O jornalista ansiava que algo restasse da Amazónia do seu imaginário, “a de *A Selva*, de Ferreira de Castro, a das viagens de Alexandre de Humboldt e a das tribos que nunca tinham visto brancos até serem desvendadas nas páginas da *National Geographic Magazine*” (2007, p. 19). Por conseguinte, para Sousa Tavares, “se isso ainda existia, era isso que eu tinha de ver – antes que acabasse” (2007, p. 19).

Semelhante propósito de desvenda da singularidade do local ainda desconhecido que se quer revelar ao público guia o autor no seu périplo pelo litoral nordestino. Além disso, o que Sousa Tavares também pretende é desbravar o terreno ignoto para que os que lhe seguirem tenham o caminho aberto. Como afirma, “dentro de alguns anos, esta viagem será um ‘clássico’, hoje é apenas conhecida de meia dúzia dos mais de seiscentos ‘bugueiros’ credenciados em Natal” (2007, p. 139). Por isso, “ao longo dos mil quilómetros da viagem, fomos conscienciosamente elaborando o *road-book* do itinerário: quem vier a seguir, com os nossos ‘bugueiros’, terá a tarefa facilitada” (2007, p. 139). Ou seja, o jornalista literário é um revelador, um vivenciador de experiências; a imersão no ambiente estudado, tão característica e condição imprescindível do jornalismo literário (Sims, 2007).

Vivida a experiência, o que este jornalista transcreve é a sua percepção pessoal e única do facto relatado, a voz jornalística não neutral que se distancia do jornalismo convencional da imparcialidade. Como refere Frus (1994), o jornalismo literário é aquele em que se nota a presença do jornalista através da sua subjectividade, da sua personalidade e das marcas da sua própria observação. Aliás, reportando-nos à crónica sobre a Amazónia, Sousa Tavares é peremptório em dizer que vai ao Brasil fazer “uma matéria” (2007, p. 21), que é a expressão do português brasileiro para reportagem, uma forma jornalística longa e suportada em investigação em que, tal como na crónica, se pode albergar o jornalismo literário. Sims (2007) concorda que jornalismo literário e reportagem são termos justapostos.

Esclarecidos os propósitos das suas viagens ao Brasil nos finais do milénio, Sousa Tavares compõe de seguida a sua apreensão do país visitado, resultado da sua imersão e da experiência daí advinda. Em primeiro lugar, a sua estância

6 Conhecido pelo seu activismo em prol dos direitos humanos, o cantor e músico *pop* Sting envolveu-se nos esforços de preservação da floresta tropical húmida e, em conjunto com o líder Caiapó, Chefe Raoni, fundou, em 1989, o *Rainforest Foundation Fund*.

na Amazônia necessita conformar-se aos imperativos legais e burocráticos ditados pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) o organismo que tutela as políticas indigenistas do governo federal e cuja “missão institucional é proteger e promover os direitos dos povos indígenas no Brasil” como se lê na sua página *web* sob o separador “Quem somos”. Ao deslocar-se à sede da FUNAI em Brasília, é como jornalista literário, ou seja, o jornalista que não se coíbe de manifestar a sua visão e a sua opinião sobre o que vê, que Sousa Tavares tece as suas impressões baseadas no impacto que lhe causa a sede da FUNAI. Como revela:

E eis-me no gabinete de onde a Amazônia é governada. Um gabinete à medida do território administrado – tão grande como a Europa, de Portugal a Moscovo. Toda a parede do fundo, que tem pelo menos uns vinte metros de comprimento, é ocupada por um mapa da Amazônia [...]. Os móveis são em acaju, os quadros mostram paisagens de lianas entrelaçadas em árvores que se debruçam sobre igarapés e canoas que deslizam pelas águas abaixo. Olhando fixamente para os quadros é provável que eles ganhem vida, que as águas comecem a correr, os ramos das árvores a mexerem-se e que se oiçam os gritos dos pássaros: falta pouco para começar a viagem (Tavares, 2007, p. 20-21).

Difícilmente poderia esta descrição ser elaborada por um jornalista convencional agarrado aos constrangimentos espartilhantes da imparcialidade. Esta é uma passagem de cunho literário e subjectivo presente na deambulação mental do autor jornalista que dá vida aos quadros da parede e que mostra o gigantismo amazónico na comparação tecida duplamente ora com o gabinete de onde é governado ora com a dimensão do espaço à escala europeia a fim de familiarizar o leitor com o colosso da floresta. Porém, a assinatura do jornalista literário, a sua “*writing subjectivity*” como lhe chama Hartsock (2000, p. 17), não se queda na apreensão pessoal da experiência. Sousa Tavares pretende trazer o leitor o mais próximo possível dessa experiência, pressuposto, aliás, que esteve na génese do jornalismo literário no século XIX quando, os “novos” jornalistas de então quiseram estabelecer uma ponte com o público que a neutralidade e a homogeneidade do jornalismo convencional tinham erodido (Hartsock, 2000). Um dos modos de estabelecer esse elo entre o jornalista que se imersa no facto a narrar e o leitor que o lerá é a introdução de diálogo no relato, o qual muitas vezes segue a oralidade própria dos sujeitos que o proferiram. O recurso à inserção de diálogo como característica do jornalismo literário resulta, aliás, nessa aproximação entre jornalista e leitor porque, como salienta Wolfe,

"dialogue tends to be naturally attractive, or involving, to the reader" (Wolfe e Johnson, 1973, p. 18).

Sabendo das diferenças ao nível de pronúncia e de vocabulário entre as duas variantes de Português falado na Europa e no continente sul-americano, Sousa Tavares, em mais do que uma instância, nas suas crónicas brasileiras, não se deteve em transcrever discurso directo oralizante. Ao fazer os preparativos para se embrenhar na Amazónia, o jornalista apresenta o diálogo havido entre o Presidente da FUNAI e o Sr. Pires, um funcionário a quem o presidente pede que olhe por Sousa Tavares e desbloqueie o que for preciso para a sua deslocação à floresta. Digno de menção o diálogo por, por um lado apresentar ao leitor a sonoridade do português do Brasil e, por outro, por o aproximar da narrativa:

- Este aqui – disse o presidente, apontando para mim – é o meu grande amigo Miguéu da televisão do Portugal [...]. E então eu quero que você disponibilize pra ele o meu avião *Bandeirante*, pra eles irem visitar os Yanomani. E quero que avise também o dotôr Pereira pra ir com eles. E disponha tudo rapidamente porque eles vão partir amanhã, cêdinho.
- Vai partir amanhã cêdinho? No *Bandeirante*? Para os Yanomani? Com o dotôr Pereira?
- Sim, vai.
- Num vai não, presidente.
- Essa! Num vai porquê?
- Porque, primeiro: o *Bandeirante* está em revisão em São Paulo; segundo, o dotôr Pereira está no hospital com malária; terceiro, os Yanomani revoltaram-se ontem (Tavares, 2007, p. 21-22).

Vocábulos como as contracções “prá” e “pra”, a interjeição “essa!” ou a nasalação de “dôtor” e “cêdinho” bem como o ditongo final em Miguel ou Portugal, pronunciados “Miguéu” e “Portugau” emprestam ao diálogo a oralidade típica do português falado no Brasil e, desse modo, contribuem para uma melhor visualização (e audição mental) da cena relatada por Sousa Tavares. Ou seja, o jornalista literário levou o leitor até ao acontecimento relatado, transportando-o ao mundo do Outro que Sousa Tavares quer dar a conhecer.

Ultrapassados os obstáculos dos preparativos da viagem, ou melhor, das viagens tanto à selva tropical como às praias nordestinas, já que, para ambos os destinos, a preparação é laboriosa e não isenta de contratemplos, o jornalista literário procede depois à sua imersão no espaço para onde almeja viajar. Esta imersão, com efeito, quase se assemelha a um ritual de passagem

para uma outra dimensão e cortam-se as amarras com o espaço mais familiar do aqui. Ao ir à descoberta das praias desertas do Nordeste, Sousa Tavares tem a sensação de “que vamos para o outro mundo...” (2007, p. 140) e quase chega, nessa descoberta, a sentir-se “como os descobridores de antigamente” (2007, p. 139) numa alusão aos navegantes lusos dos séculos XV e XVI. Similarmente, ao ir para a Amazônia, o jornalista literário confere ao leitor a impressão do exotismo longínquo do local para onde vai ao relatar que “para onde íamos não havia estradas, nem carreiras fluviais, nem nenhum meio de deslocação que não o sobrevoo” (2007, p. 22). Desta feita, o que Sousa Tavares transmite é a sua trasladação para o espaço estranho e desconhecido, assumindo-se ele como um revelador do mesmo. Tal como o escritor de viagens é um revelador de espaços-Outros, o mesmo se pode dizer do jornalista literário (Soares, 2009).

A revelação da experiência no espaço Outro afirmar-se-á, porém, dicotômica para Sousa Tavares. O Brasil desvendado, tanto no interior da selva impenetrável, como na solidão quase infinita do litoral nordestino, é um Brasil dúplice onde coexistem extremos. É no coração da selva amazônica que existe a “maior exploração de ouro a céu aberto do mundo – e a mais selvagem, inacessível e ilegal” (Tavares, 2007, p. 23). Ao contemplá-la, Sousa Tavares inscreve-se na linhagem de jornalistas literários que expõem a vida nas franjas do ostracismo social, jornalistas literários como Jack London que deu a conhecer a miséria operária no gueto do East End londrino dos inícios de 1900 em *The people of the abyss* (1903) ou jornalistas do novo milénio como Gabriel Thompson que documenta a sobrevivência difícil de imigrantes latinos ilegais nos Estados Unidos em reportagens-livro como *There's no José here* (2007) ou *Working in the shadows* (2010). Olhando a mina e os que nela labutam, Sousa Tavares observa, no pendor pessoal e literário do jornalista não convencional:

Fiquei esmagado pela visão daquele vale imenso, revolvido e escavado até às profundezas, no interior do qual milhares de homens, ensopados em lama, esgravatavam a terra e subiam de pesados sacos às costas, ao longo de carreiros construídos nas encostas do vale. Volta e meia, rebentavam uns gritos angustiados, via-se homens a fugir em todas as direcções e depois escorregava um pedaço de montanha e abatia-se sobre o local onde os homens escavavam instantes antes. Vários morriam assim, todos os dias (Tavares, 2007, p. 26).

Esta é uma visão dantesca da Amazônia que se esconde para lá do turismo e do imaginário que o autor afirmava ter construído a partir das reportagens da *National Geographic*. Esta é a Amazônia da cupidez e da inversão dos direitos humanos, a Amazônia da negatividade. Similarmente, também o idílio das praias do Nordeste apresentado por Sousa Tavares tem um reverso. O Nordeste, é um local de “calor de inferno” (Tavares, 2007, p. 147), de amontoados de “esqueletos de vacas devoradas pelos urubus” (Tavares, 2007, p. 146), é um local de seca numa “extensão monótona e triste de árvores ressequidas e cobertas de pó” (Tavares, 2007, p. 146) e é, igualmente, um local onde o turismo já desvirtuou a paisagem como acontece em Canoa Quebrada, uma “folclórica mistura entre Wichita, no Texas, na época do xerife Wyatt Earp, e uma rua central de Saigão, logo após a chegada dos primeiros GI” (Tavares, 2007, p. 147).

Todavia, e porque dicotômica é a apreensão que Sousa Tavares faz do Brasil que visita, há um lado solar, positivo que lhe importa ressalvar e que suplanta a Amazônia esquelética das minas ilegais e o Nordeste da seca e da vandalização turística. O Brasil de Sousa Tavares, mais do que pelas paisagens, é caracterizado pelas gentes afáveis que encontram “sempre maneira de ‘quebrar o galho’”, (2007, p. 142), de auxiliar os forasteiros, as gentes acolhedoras que, faltando pousadas, o deixam e à sua comitiva dormir em redes “estendidas no alpendre da casa de uma viúva” (2007, p. 143) como aconteceu em Galinhos no Nordeste. Constantemente, Sousa Tavares, o europeu ocidental que se imersa em território longínquo e desconhecido, descobre-se na perplexidade de, perante obstáculos logísticos aparentemente inultrapassáveis, avaliar “mal o Brasil” onde, afinal, tudo se pode e “tudo se vai arranjar” (2007, p. 22). Tanto assim é que, mesmo que os Yanomani se tenham revoltado, que o avião *Bandeirante* estivesse a fazer a revisão e que o “dotôr” Pereira estivesse com malária no hospital, Sousa Tavares chega ao coração da Amazônia graças ao espírito prestável e inventivo dos brasileiros. E já lá, entre os índios kayapós do Xicrim do Cateté, o jornalista e viajante luso depara-se com um povo generoso que o recebe com desvelo e entusiasmo. Como refere em relação à sua chegada: “A aldeia inteira insistiu em carregar os nossos sacos e material até as instalações que nos tinham reservado. Por pouco não nos levavam ao colo, também” (2007, p. 29). É esta solidariedade e esta amistosidade que surpreende este jornalista literário no seu contacto com o Brasil, um país onde até os cangaceiros como o famoso Lampião, o mais célebre e celebrado de todos era um “misto de bandido ou de Robin Hood” (Tavares, 2007, p. 149), ou como o Gavião, o Lampião moderno que vive no Ceará do Mixim e que é “apenas um pilha-galinhas e um coração de ouro” (p. 150).

O Brasil das gentes boas é, porventura, o lado mais espetacular e genuíno deste país. Ao centrar-se na veracidade dos factos por si apreendidos, são elas e é sobre elas a verdade que Sousa Tavares quer que se conheça deste mundo-Outro ao qual se desloca. Contudo, a paisagem deslumbrante de um Brasil diverso em que impera a natureza também não poderia deixar de merecer a atenção da visão de Sousa Tavares.

Imersão e regresso do jornalista literário

O perfil do Brasil como visto por Sousa Tavares é construído através do binómio povo/paisagem, um e outra indissociáveis. Em “Amazónia: A Última Fronteira”, o deslumbramento perante a imponência da floresta é descrito por este jornalista literário-viajante através dos sentidos com que a apreende olfactiva, visual e tactilmente. Ao dar importância sensorial ao seu relato amazónico, Sousa Tavares como que deixa o leitor perceber que ele, jornalista literário, absorve a Amazónia em que se imersa. Primeiro, vê-a do ar num “voo lindo sobre a floresta” que acompanha “com a Turandot de Puccini, nos auscultadores do *walkman*, ligado no máximo volume: parecia um filme” (Tavares, 2007, p. 28). Depois, ao sair do avião que o despeja no seio da selva, Sousa Tavares é tomado pelo sentido olfactivo: “O que primeiro me impressionou foi o cheiro envolvente e poderoso: o cheiro a clorofila, a humidade espessa e verde e o cheiro dos índios” (2007, p. 28). E, a seguir ao olfacto, o sentido que lhe traz a absorção da Amazónia é o tacto pois os índios saúdam-no tocando-o. Assim, “depois do cheiro”, o que o impressionou “foi o tacto: tocavam-nos com as mãos em todo o lado – nas mãos, nas pernas, na cara, nos cabelos, na roupa” (Tavares, 2007, p. 28). A percepção que Sousa Tavares transmite da Amazónia é, portanto, uma percepção construída através da fisicalidade e transcrita para o leitor através da descrição de como essa apreensão física e sensorial o impacta. Aliás, para o jornalista literário importa o detalhe da descrição. Além do diálogo, interessa-lhe “*the gestures, the facial expressions, the details of the environment*” (Wolfe e Johnson, 1973, p. 21) pois só dessa feita se consegue oferecer ao leitor a objectividade do relato e dar-lhe algo que não é possível através do jornalismo convencional: a vida emocional e subjectiva das personagens (Wolfe e Johnson, 1973, p. 21) e Sousa Tavares é também personagem do seu relato.

No que toca ao Nordeste, serão a visão e o gosto os sentidos dominantes da apreensão da paisagem. Recorrentes vezes, Sousa Tavares descreve as refeições que faz litoral fora, como, por exemplo, o almoço que qualifica de “sumptuoso” antes de chegar a São Miguel do Gostoso e que é uma “peixada com pirão (a farinha de mandioca), antecidida por umas “caipiroscas” (2007, p.

143). Quanto à visão, ela é inundada pela vastidão do céu noturno nordestino, tão exuberante que “custa a adormecer com tantas estrelas no céu” (Tavares, 2007, p. 143). Já durante o dia, Sousa Tavares confessa:

O deslumbramento de uma paisagem que varia entre as areias vazias de tudo até às praias de coqueiros, às rochas, aos rios que vêm desembocar na praia, às dunas gigantes debruçadas sobre o mar, às rias que se abrem de repente e onde se pode tomar banho em duas águas – salgada e doce – ou às nascentes de água doce que escorrem do flanco das ravinas sobre a praia (Tavares, 2007, p. 139).

Aliás, os sentidos são, para Sousa Tavares a antecâmara da imersão total na paisagem brasileira. Se no Nordeste relata repetidamente os banhos de mar a que se dá até ao momento final da viagem quando se “ajoelha na água, no fim do caminho, para agradecer aos deuses terem-[no] levado até ali” (Tavares, 2007, p. 152), na Amazônia sucumbe ao chamamento hipnótico da floresta densa e, no último dia da sua estada na aldeia dos índios kayapós, embrenha-se sózinho selva adentro. Como narra a propósito da sua incursão pela floresta e seus perigos:

Na última noite, já não conseguia dominar-me: a angústia de não entrar lá [na floresta] era maior do que a angústia de entrar. [...] E fui. Caminhei uns vinte metros para dentro da mata, onde já ninguém me podia ver e eu já não via a aldeia, nem sequer para os lados, no meio daquele novelo vegetal. [...] Demorou meia hora, a meia hora mais excitante da minha vida. [...] Por duas vezes perdi o sentido de orientação [...]. Para vencer o medo, não parei nunca de caminhar e nunca olhei para trás. Às vezes, acho que até fechei os olhos, mas continuei sempre a andar. No fim, saí de lá feito um homem novo. [...] Agora já podia regressar. (Tavares, 2007, p. 32).

Ou seja, o ritual iniciático que leva Sousa Tavares a apreender o Brasil tornando-o uno com o espaço envolvente está completo. A viagem é mais do que uma deslocação na geografia, é um percurso identitário de descoberta do Outro e do Eu sendo Sousa Tavares também o intermediário entre o Outro brasileiro e o leitor. Por um lado, é o jornalista e o viajante que relatam a deslocação. Por outro, é o jornalista literário e o escritor de viagens que dão ao relato o seu cunho pessoal, a sua experiência individual desprovida de filtros. Ao cabo da viagem e da apreensão do povo Outro e da paisagem Outra, e

depois do seu rito imersivo nesses espaços sócio-geográficos, Sousa Tavares, como jornalista literário independente do espartilho da neutralidade, conclui os seus relatos com o apelo a que o Brasil verdadeiro que ele descobriu e que revelou seja preservado e imolestado pelo progresso. Ao regressar ao espaço familiar europeu e mostrar as filmagens da Amazônia ao filho, premoniza que “lentamente, a destruição vai ganhando terreno à natureza, até que se atinja o ponto de não-retorno” e, então, o filho terá justificadas razões para que, quando crescer, lhe pergunte e à sua geração “mas o que é feito do mundo que tu viste e que a tua geração herdou?” (Tavares, 2007, p. 36).

Miguel Sousa Tavares não nos revela sensações anódinas em relação ao Brasil. Seja como viajante, como escritor de viagens ou como jornalista, Sousa Tavares deixa o leitor perceber toda e cada parte do percurso que o leva a descobrir um Brasil dicotômico, plurifacetado e, a cada instante, surpreendente. O perfil traçado é, por conseguinte, o de um país de paisagens majestosas, difíceis de descrever na sua beleza, mas que, paradoxalmente, escondem condições de vida infra-humanas como nas minas ilegais da Amazônia ou a devastação trazida pelo turismo no Nordeste. E é, igualmente, o perfil de um Brasil habitado por um povo, ou povos, calorosos sempre prontos a acolher os forasteiros e a ajudá-los seja na mais remota floresta, nas instituições federais ou nas aldeias das praias desertas que Sousa Tavares destaca e que contribui para que o seu perfil do Brasil seja traçado sob um prisma positivo, tal como o fizeram os seus compatriotas jornalistas literários do século XIX. Em suma, este perfil, ancorado na visão do jornalista e na sensação do viajante, é mais amplamente veiculado através desse género híbrido algures entre a literatura e o jornalismo que é o jornalismo literário. É este que permite ao autor a expressão máxima, porque pessoal e íntima, da imagem impactante que lhe causa o Brasil da selva e o Brasil da praia sem fim. E é justamente esse Brasil íntimo e pessoal o que podemos ler nos relatos de Miguel Sousa Tavares, um Brasil irrepetível e único porque irrepetível e única é a imersão do jornalista literário.

REFERÊNCIAS

FRUS, Phyllis. **The politics and poetics of journalistic narrative**: the timely and the timeless. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. <<http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511527159>>.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (Brasil). **FUNAI**: quem somos. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/quem-somos>>. Acesso em: 4 abr. 2016.

- HARTSOCK, John C. **A history of american Literary Journalism**: the emergence of a modern narrative form. Amherst: University of Massachusetts Press, 2000.
- KEEBLE, Richard Lance; JOSEPH, Sue. **Introduction: profiling** – painting a picture in words. In: JOSEPH, S.; KEEBLE, R. L. (Ed.). *Profile pieces: journalism and the “human interest” bias*. Nova Iorque e Londres: Routledge, p. 1-13, 2016.
- KERRANE, K.; YAGODA, B. (Ed.). **The art of fact**: a historical anthology of literary journalism. Nova Iorque: Touchstone, 1997.
- LISBOA, Wellington Teixeira. Geração à *Gabriela*: memória e outras mediações na construção de representações do Brasil em Portugal. In: **Anuário internacional de comunicação lusófona**, p. 275-287. Disponível em <www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/anuario/article/view/810/729>. Acesso em: 24 jul. 2016.
- OBSERVATÓRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA (Portugal). **As vinte línguas mais faladas no mundo**. Disponível em: <<http://observalinguaportuguesa.org/as-20-linguas-mais-faladas-no-mundo/>>. Acesso em: 21 mar. 2016.
- QUEIRÓS, Eça de. **Textos de imprensa IV** (da Gazeta de Notícias). [S. l.]: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.
- REIS, Jaime Batalha. **O descobrimento do Brasil intelectual pelos portugueses do século XX**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.
- SIMS, Norman. **True stories**: a century of literary journalism. Evanston: Northwestern University Press, 2007.
- SOARES, Bernardo. **Livro do desassossego**. Lisboa: Ática, 1982.
- SOARES, Isabel. *South*: where travel meets literary journalism. **Literary journalism studies**, Evanston, v.1, n.1, p. 17-30, primavera 2009.
- SOARES, Isabel. John Bull scrambling for Africa: a portrait of the English at the heyday of empire. In: JOSEPH, S.; KEEBLE, R. L. (Ed.). **Profile pieces**: journalism and the “human interest” bias. Nova Iorque e Londres: Routledge, p. 137-150, 2016.
- TAVARES, Miguel Sousa. **Sul**: viagens. Cruz Quebrada: Oficina do Livro, 2007.
- WOLFE, T.; JOHNSON, E. W. (Ed.). **The new journalism, with an anthology**. Nova Iorque: Harper & Row, 1973.



Recebido em: 24/7/2016

Aceito em: 26/7/2016

Endereço da autora:

Isabel Soares <isoares@iscsp.ulisboa.pt>

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa

Centro de Administração e Políticas Públicas (CAPP)

Rua Almerindo Lessa

1300-663 – Lisboa – Portugal